



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)  
ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória  
Comunicação Oral

## MEMÓRIAS AFETIVAS: COMO LEMBRAR E REPRESENTAR A INFORMAÇÃO<sup>1</sup>

### *AFFECTIVE MEMORIES: HOW TO REMEMBER AND REPRESENT INFORMATION*

Leila Betriz Ribeiro, UNIRIO  
leilabriereiro@ig.com.br

Vera Dodebei, UNIRIO  
dodebei@gmail.com

Evelyn Goyannes Dill Orrico, UNIRIO  
orrico.evelyn@gmail.com

**Resumo:** Discute-se as memórias afetivas como estratégias representativas para além da imagem e do texto, considerando outras percepções sensitivas como o olfato e o paladar. Parte-se do pressuposto que descrever a “imaterialidade” dos objetos efêmeros, como os sabores e aromas, demanda esforço de memória pessoal e de aprendizado sócio-cultural, para recuperar as lembranças, passíveis de serem representadas e compartilhadas. A base teórica é pautada na literatura memorialista e na literatura filosófica sobre as configurações da memória voluntária e da memória espontânea ou involuntária. O arcabouço metodológico pauta-se na pesquisa-ação, com um *corpus* analítico de dois conjuntos documentais: uma obra de ficção e o material didático de análise e descrição da informação. As representações das lembranças descritas pelos alunos apontam para acontecimentos da infância e dos quadros familiares materializados por sensações olfativas.

**Palavras-chave:** Memória afetiva. Representação. Aromas. Sabores. Informação.

**Abstract:** It discusses the emotional memories as representative strategies beyond the image and the text, considering other sensory perceptions such as smell and taste. It starts from the assumption that describe the "immateriality" of ephemeral objects, such as flavors and aromas, demand effort to personal memory and socio-cultural learning to retrieve memories, which can be represented and shared. The theoretical basis is guided in the memoir and the philosophical literature on the settings of voluntary memory and spontaneous or involuntary memory. The methodological framework is guided by a research-action with an analytical corpus of two sets of documents: a fictional literature work and the teaching materials on information analysis and description. The memories representation described by

---

<sup>1</sup> O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

the students point to childhood events and family frameworks materialized by smell sensations.

**Keywords:** Affective memory. Representation. Aromas. Taste. Informação.

## 1 INTRODUÇÃO: MATERIALIZAR O EFÊMERO

*Feche os olhos  
e tente lembrar do aroma  
do bolo de fubá que sua avó fazia.  
Ou do cheirinho de terra molhada  
que anuncia as tempestades de verão.  
Ou, melhor ainda,  
daquele odor inconfundível do seu último carro zero.  
Lembrou? Provavelmente sim,  
e mais ainda:  
cada aroma despertou em você  
um festival de lembranças.  
(KUCZYNSKI, 2005. p.5)*

Entre meados do século XX e a primeira década do século XXI, as mudanças socioambientais ocorridas foram tão aceleradas que, em curto espaço de tempo, nossos sentimentos sobre a vida deixam de lado a admiração pelos processos de industrialização, pelas ideias de progresso, evolução e desenvolvimento no âmbito do material. Ao contrário, passamos a valorizar os acontecimentos fluidos, efêmeros, imateriais. Inverte-se nesse momento a seta do binômio tradição (passado) - inovação (futuro). Quando o capital material dá lugar ao capital cognitivo, ou quando o patrimônio material cede espaço ao patrimônio imaterial, o que é tradição e o que é inovação?

Podemos considerar como Olivier Bomsel (2010) que a economia material conformou as sociedades até o início do século vinte e que, aos poucos, o discurso sobre a elaboração das coisas necessárias ou úteis à vida material vem cedendo espaço à economia imaterial representada por dois processos de desmaterialização sucessivos: a nova divisão do trabalho pautada pela mudança dos conceitos de local, indivíduo e transação, tendo a informação como matéria da economia; e a digitalização da vida social que transforma a escritura dos contratos econômicos em uma forma universal representada pelo código binário {0,1}. Essa segunda etapa amplia os fluxos de informação e reúne, sob uma mesma escritura, o conjunto dos modos de comunicação. Para Bomsel:

*La dématérialisation de l'écriture, sa circulation mondiale instantanée font rupture, tant dans l'histoire de la coordination des individus [par incitations et partage d'expériences] que, possiblement, dans sa représentation. Elles sont, a*

coup s'ûr, source d'innovations techniques, sociales et institutionnelles dont beaucoup sont encore à venir (BOMSEL, 2010, p.28).<sup>2</sup>

O elemento estabilizador ou (des)estabilizador desse fenômeno parece estar ligado ao campo da informação. Enquanto no passado o processo de produção exigia rotina e repetição de tarefas, hoje com as TICs, empresas investem pesadamente nas experiências pessoais e na criatividade de seus empregados. Estudos sobre conhecimento corporativo e sua organização com técnicas sofisticadas para a criação de bancos de ideias e de talentos mudam o cenário sócio-ambiental. Sistemas de informação empresariais são criados para capturar e armazenar em bancos de lembranças o conhecimento individual.

Além disso, o efêmero precisa ser compartilhado, quer dizer, deixar de ser uma produção individual para se transformar em bem coletivo, como acontece com a cultura da oralidade. A maneira que encontramos para que isto ocorra na era da escrita tem sido - com a ajuda da virtualização da comunicação - registrar e documentar essas experiências outrora de caráter pessoal ou, no máximo, familiar. Para além da escrita, outras estratégias de registros são criadas para compartilhar o efêmero. Não é à toa que a culinária ganha espaço nas áreas de lazer dos grandes centros urbanos e nas redes televisivas e móveis sociais, assim como multiplicam-se as lojas de vinhos e seus apetrechos e a indústria cosmética sobrevive muito bem às crises econômicas.

Nesta comunicação, vamos examinar no âmbito dos objetos efêmeros e da economia imaterial e, também, à luz dos conceitos dos campos da informação e da memória social, as Memórias Afetivas. O que são, qual importância exercem em nossa vida pessoal e social? Como pensar a representação para além da imagem e do texto, considerando os outros sentidos que nos levam a compreender o mundo nas suas nuances temporais, concretas e simbólicas? A ênfase do nosso artigo será dada às percepções sensitivas que compreendem os sentidos do paladar e do olfato tendo em vista as possibilidades de relacioná-los com informação e rememoração.

Mais uma vez, nossa pesquisa é desenvolvida na prática do exercício acadêmico em uma disciplina obrigatória que ministramos para os cursos de biblioteconomia e museologia, intitulada *Análise da informação*. Nessa disciplina procuramos refletir junto com os alunos acerca da difícil tarefa de representar a informação contida em objetos materiais como as representações documentárias de textos, imagens fotográficas, quadrinísticas e filmicas, nos

---

<sup>2</sup> A desmaterialização da escrita e sua circulação instantânea globalizada representam uma ruptura, tanto na história da coordenação entre os indivíduos [por incentivo e troca de experiências] quanto, possivelmente em sua representação. Esses fenômenos são, certamente, fonte de inovações técnicas, sociais e institucionais e, portanto, muita coisa ainda está por vir (tradução nossa).

formatos analógicos e digitais. O desafio maior que vimos enfrentando é o de descrever a “imaterialidade” no exemplo dos objetos efêmeros como os sabores e aromas, que vão demandar um esforço de memória pessoal e de aprendizado sógnico, para recuperar as lembranças, essas sim passíveis de serem representadas e compartilhadas.

O *corpus* de nossa pesquisa-ação é composto por dois conjuntos documentais: a obra quadrinística *Em busca do tempo perdido* de Marcel Proust adaptada e ilustrada por Stéphane Heuet, em seu primeiro volume intitulada: *No caminho de Swann: Combray* (2004)<sup>3</sup>; e o material de análise e descrição da informação utilizado por nossos alunos nos últimos anos. Esse material contém as fichas de representação dos aromas relativas ao exercício de identificação dos tipos de aromas classificados conforme Giancarlo Bossi (1996) e a descrição das lembranças evocadas pelos alunos a partir da sensibilidade olfativa que é influenciada pelo estado psicofísico de cada pessoa.

## 2 LEMBRANÇAS, SIGNOS E MEMÓRIAS (VOLUNTÁRIA E INVOLUNTÁRIA)

Utilizando a literatura memorialista, cujo foco é a *recherche* de Marcel Proust<sup>4</sup>, e a literatura filosófica sobre as configurações da memória, buscamos compreender a relação entre os conceitos de virtualidade e de memória espontânea em Henri Bergson (2008) e a ideia de memória involuntária em Proust, sem descartar a hipótese que Gilles Deleuze (2006) traça sobre a obra icônica de Proust em que procura demonstrar que a unidade da *recherche* não consiste nem na memória nem na lembrança ainda que involuntária, mas no aprendizado temporal, nos signos a serem decifrados e interpretados.

### 2.1 BERGSON E A TEORIA DA MEMÓRIA

Em *Matéria e Memória*, Bergson (2008) defende a tese da relação entre corpo e espírito e utiliza a teoria da memória como argumento fundamental de sua discussão. Para o filósofo, a memória corresponde à virtualidade das imagens totais que o corpo, considerado

---

<sup>3</sup> A coleção em quadrinhos que compõe a obra de Proust apresenta ainda mais cinco volumes: *À sombra das raparigas I e II*; *Um amor de Swann I e II*; e, *No caminho de Swann: nome de lugares*.

<sup>4</sup> Marcel Proust (1871-1922) é autor de *À la recherche du temps perdu* (Em busca do tempo perdido), obra composta por sete volumes, escrita entre 1908-1909 e 1922 e publicada entre 1913 e 1927, sendo que os três últimos postumamente: *Du côté de chez Swann (No caminho de Swann, 1913)*; *À l'ombre des jeunes filles en fleurs (À sombra das raparigas em flor, 1919)*; *Le Côté de Guermantes (O caminho de Guermantes, 2 volumes, 1920 e 1921)*; *Sodome et Gomorrhe (Sodoma e Gomorra, 2 volumes, 1921-1922)*; *La Prisonnière (A prisioneira, publicado postumamente em 1923)*; *Albertine disparue (A Fugitiva - Albertine desaparecida, publicado postumamente em 1927)* (título original: *La Fugitive*); *Le Temps retrouvé (O tempo reencontrado [ou redescoberto], publicado postumamente em 1927)*. Cf. a Coleção Nobel publicada em 1956, Porto Alegre, com traduções de Carlos Drummond de Andrade (*A fugitiva*), Manuel Bandeira (*A prisioneira*) entre outros.

uma imagem particular, atualiza no presente. A teoria proposta compreende duas formas de memória: uma que imagina e outra que repete.

No exemplo dado por Bergson (2008) sobre a lição decorada e a lembrança das leituras feitas para o exercício da memorização das palavras contidas na lição, encontramos os dois tipos de memória. A lembrança da lição, aprendida de cor, que terá a característica de hábito, tal qual um exercício habitual do corpo que aciona o mecanismo ou impulso inicial, em um sistema de movimentos automáticos que se sucedem na mesma ordem e ocupam o mesmo tempo, e a experiência vivida de cada repetição que se configura como uma impressão na memória em sua duração, sua temporalidade.

Atualizando o exemplo da lição decorada, reconhecemos que a adição de mais um dígito no número de nossas linhas telefônicas perturbou o automatismo da lembrança hábito quando o memorizamos da primeira vez. Para a memória das pessoas, falar de cor esse novo número levou à separação do número principal daquele adicionado, como se agora tivéssemos dois números, duas lembranças: uma do número inicialmente memorizado e outra do dígito a ele adicionado. Ao contrário da lembrança hábito, as lembranças das leituras sobre a lição, realizadas em vários momentos diferentes, vão sempre alterar a leitura original. Diz Bergson (2008) que a consciência nos revela, entre esses dois gêneros de lembranças, uma profunda diferença de natureza: a primeira, a lembrança hábito, é da ordem da representação; a segunda, da ação.

Essa memória-ação registra todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que eles ocorrem, sem deixar de fora nenhum detalhe, fato, gesto, lugar e data. Toda a percepção se prolonga em uma ação nascente. Nós tomamos consciência dos mecanismos da experiência da memória (recordação) no momento em que eles entram em jogo, no presente e com o olhar voltado para o futuro. Na verdade, para Bergson, essa memória não representa o passado, ela apenas joga com o passado e se ela é memória, não é porque ela conserva as imagens antigas, mas porque prolonga o efeito útil dessas imagens até o momento presente. Se isolarmos uma imagem das outras podemos então representá-la no âmbito do virtual, pois para que haja representação, seria necessário interromper a sequência de imagens que surgem, considerando as anteriores e as posteriores àquela isolada.

As imagens armazenadas na memória espontânea têm ainda um outro uso: são imagens de sonho, aparecem e desaparecem independentemente à nossa vontade. Esse movimento de tensão entre as zonas claras e escuras da memória ou de aproximação e de afastamento é organizado pelo cérebro que funciona como uma central telefônica de distribuição de informação. As imagens devem ser obscurecidas naquilo que não interessa à

consciência e clareadas naquilo que a interessa. As imagens têm diferenças de graus e não de natureza entre ser e ser conscientemente percebidas, o que Bergson (2008) chamou de *efeito miragem*.

Então, representar pode ser uma percepção consciente de um objeto, circunstancialmente ao tempo (percepção) e ao espaço (ação de representar). Para Bergson (2008), a representação é sempre virtual, neutralizada no momento em que ela passa ao ato.

## 2.2 DELEUZE E OS SIGNOS EM PROUST

Para Deleuze (2010) a obra de Proust vai além de uma exposição acerca da memória involuntária e sobre reminiscências do passado. A *Recherche* estaria qualificada no espaço e na exploração do aprendizado por meio dos signos, voltando-se para o futuro.

O essencial na *Recherche* não é a memória nem o tempo, mas o signo e a verdade. O essencial não é lembrar-se, mas aprender; porque a memória só vale como uma faculdade capaz de interpretar certos signos e o tempo só vale como a matéria ou tipo dessa ou daquela verdade (DELEUZE, 2010, p.85).

Em Proust, a pluralidade de signos se apresenta e se sistematiza de forma específica, se constituem em mundos diferenciados, não homogêneos, mundos esses que de forma circular ainda podem se tocar; eles são em grande parte materiais (exceção feita aos signos da Arte), tomam corpo, são emitidos e desvendados via “pessoas [personagens], objetos e matérias” (DELEUZE, 2010, p.5). Esses signos pertencem a uma linha temporal “privilegiada”, mas participam de forma desigual em várias linhas do tempo. Iremos apresentar sumariamente esses mundos e vamos nos deter nos *signos das experiências sensíveis*.

O primeiro signo, o da *mundanidade*, de forma vasta e veloz toma o espaço de uma ação e mesmo de um pensamento; apontado por Deleuze como “vazios” (2010, p.13) porque não remete a coisa alguma, e sim substitui as coisas, é antecipatório, estereotipado, valendo-se por elas (as coisas). No entanto, pelo seu traço ritualístico ele, segundo o autor, não se apresenta como desprezível e é necessário para o processo de aprendizado, a compreensão e o deciframento do mundo dos signos. O segundo é o signo (mundo) do *amor*. Nesse mundo, composto por aqueles pelos quais nos apaixonamos, nos tornamos sensíveis a um outro mundo desconhecido. Daí que buscamos tanto interpretar o que o outro emite, quanto entender, decifrar e explicar esses mundos anteriormente desconhecidos do espaço desse afeto. Esses signos são capazes de incorporar outras materialidades, a dos espaços e lugares, por exemplo, porque neles podem estar contidos mundos “refletidos” no olhar do outro que

amamos. Daí que “são signos mentirosos que não podem dirigir-se a nós senão escondendo o que exprimem, isto é, a origem dos mundos desconhecidos, das ações e dos pensamentos desconhecidos que lhes dão sentido” (DELEUZE, 2010, p.9).

O terceiro mundo (signo) e que nos interessa mais de perto, diz respeito ao “mundo das impressões ou das qualidades sensíveis [...]” Deleuze argumenta que essa qualidade nos traz “uma alegria” (2010, p.10). Essa impressão sensível que desenvolvemos e experimentamos se torna algo imperativo. Ou seja, essa qualidade transforma-se em um signo de um outro objeto totalmente diferente, que, ao exigir um deciframento, nos leva a um esforço frustrante permeado pelo fracasso, pois aquilo que conseguimos apreender “da alma desse objeto” já não é mais o que ele foi e é no momento percebido: Alegria, é a primeira sensação que esses signos transmitem (o por quê sentimos essa alegria intensa e particular pode não ter uma resposta satisfatória); posteriormente um trabalho de busca sobre o “sentimento do signo” (que, segundo Deleuze, muitas vezes é uma busca fracassada). Mas, por fim complementa Deleuze, “o sentido do signo aparece, revelando-nos o objeto oculto” (por vezes por associações) (2010, p.11).

Espaço da memória involuntária<sup>5</sup>, esse signo revela o que estava oculto: “Combray para a *madeleine* ...” (DELEUZE, 2010, p.11). Revelando-se como signos de um *tempo perdido* ou de um *tempo que se perde*, há que se fazer um esforço de inteligência para interpretar esse signo, por exemplo, para ir em busca do depois, da redescoberta de um outro tempo para restituí-lo. É nesse sentido que Deleuze apresenta esses movimentos temporais do mundo dos signos como “verdadeiras *linhas de aprendizado*”. (p.23, grifo do autor). Há que se deter sobre o objeto para ultrapassar o estágio da memória voluntária que nos faz lembrar das coisas e não dos signos.

Apresentados por Deleuze como signos insuficientes ainda que sejam “sensíveis”, “alegres”, “afirmativos” e “materiais” (inclusos no espaço da explicação/representação) e é somente quando buscamos/encontramos a essência material apontada por esse signo, já em outro nível, mais aprofundado, no signo da arte, é que iremos ultrapassar e conseguir interpretar a *madeleine*.

---

<sup>5</sup> Vejamos como Proust descreve a memória involuntária: “[...] acredito que é apenas às lembranças involuntárias que o artista deveria requisitar a matéria-prima de sua obra. Antes de mais nada, precisamente porque elas são involuntárias, que se formam por si próprias, atraídas pela semelhança de um minuto idêntico, elas são as únicas a possuir uma marca de autenticidade. Depois, porque nos trazem de volta as coisas numa dose exata de memória e esquecimento e, enfim, uma vez que nos fazem experimentar a mesma sensação em uma circunstância completamente diferente, elas a liberam de toda a contingência, e nos dão dela a essência extratemporal, aquela que é exatamente o conteúdo do belo estilo, esta verdade geral e necessária que somente a beleza do estilo traduz” (UMA..., 2006, p.511-512).

Esse último mundo é o que dá sentido interpretativo e traduz-se além da materialidade e para onde todos convergem e se transformam: “No nível mais profundo, o essencial está nos signos da arte”. (DELEUZE, 2010, p.13). Deleuze nos diz ainda que o tempo perdido pode ser um tempo redescoberto, tendo em vista a correspondência dos signos com as linhas temporais: “Finalmente os signos da arte nos trazem um tempo redescoberto, tempo original absoluto que compreende todos os outros” (p.23).

É esse tempo redescoberto que nos chega por diferentes sentidos, em especial o olfato, e que nos faz traduzir aquilo que é efêmero ou imaterial em alguma situação do passado que ele fez ressignificar. Walter Benjamin nos diz que o odor “é o refúgio inacessível da *mémoire involontaire*. Dificilmente ele se associa a uma imagem visual, entre todas as impressões sensoriais, ele apenas se associará ao mesmo odor. [...] Um odor desfaz anos inteiros no odor que ele lembra” (BENJAMIN, 1989, p.135). É ainda Benjamin (1994) que nos fala acerca da obra de Proust e argumenta que mais do que uma descrição de reminiscências, de algo que foi, do que aconteceu, seu relato refere-se às memórias vividas, aproximando essas últimas ao seu conceito de experiência.

Jean-Claude Ellena (2013), em o *Diário de um perfumista: um ano na vida do principal criador de fragrâncias da França*, nos diz:

Acredito que os odores são signos, que o apreciador dos perfumes interpreta à medida que o perfume atua sobre ele ou sobre uma fita olfativa - uma tira de papel poroso - a ser cheirada. Ele o aspira, o segue, o abandona, volta a ele; não sei quem - entre o perfume e o seu apreciador - precisa mais do outro (ELLENA, 2013, p.9).

### **3 AROMAS, SABORES, AFETOS**

Eli Boscato, em “O tempo e nossa memória sensorial” (2015) comenta em seu blog que comemos alguma coisa e de repente lembramos que aquilo tem sabor de infância, sentimos um aroma e lembramos de um momento, de um lugar, de uma pessoa. E os cheiros da infância parecem os mais marcantes.

Quando criança as maçãs eram mais perfumadas e hoje parece que elas quase não têm cheiro. Não posso imaginar o que teria acontecido, se meu olfato mudou ou se as maçãs já não são mais as mesmas. O Natal era cheio de aromas exóticos. O cheiro que exalava daquelas cestas de natal que vinham em um baú de vime cheia de guloseimas, e o ar rescendendo à árvore de pinheiro. Cheiro de grãos de café moído, de bolo no forno, de terra molhada. Os aromas e sabores faziam então parte das nossas descobertas, daquele mundo desconhecido a ser explorado. Nada era impossível, tudo tinha mais frescor. Lembro do cheiro daquela flor que tinha no jardim de casa chamada Dama da Noite, que só se abria ao anoitecer. Será que éramos mais inocentes, menos ansiosos, menos indiferentes, mais felizes? Não sei. Só sei que nem o cheiro cotidiano do asfalto, da fumaça, do ar condicionado apagaram as

melhores lembranças olfativas (BOSCATO, 2015).

Depoimentos como esse inspiraram e organizaram a pesquisa de doutoramento que Joële Rouchou apresentou à Universidade de São Paulo e que se transformou no livro “Noites de verão com cheiro de Jasmim” (2008). Joële, nascida em Alexandria e criada desde os três meses de idade na cidade do Rio de Janeiro, busca compreender a história dos judeus expulsos do Egito no século XX, a partir da memória do grupo que veio se instalar no Brasil. c utiliza uma pauta de entrevistas mais conceitual do que documental; o que ela busca são as lembranças afetivas e por isso substitui recursos como locais, fotografias ou imagens de família por memórias sensoriais: olfativa, gustativa, gestual e afetiva.

Amparada por Walter Benjamin, para o qual as lembranças estão ligadas ao seu conceito de experiência, Joële se pergunta: como abrir a porta que dá acesso à memória? Qual seria a melhor estratégia para negociar com as memórias fragmentadas de cada um? Basta iniciar uma conversa e a memória flui como o tempo. Assim, como é para Benjamin, Joële compreende a memória como uma experiência de reflexão, uma experiência vivenciada, diferente do fato social, que é apenas temporal e finito.

### 3.1 AROMAS E SABORES, SUPORTES MATERIAIS OU EFÊMEROS DA MEMÓRIA?

O olfato é o sentido menos compreendido tendo em vista que só recentemente os estudos do ponto de vista molecular se voltaram para esse sentido. Essa falta de interesse talvez estivesse ligada ao fato de que, comparado a outros animais, o olfato humano é mais pobre: “Estima-se que humanos possam discriminar mais de 400 mil odorantes” (MALNIC, 2008, p.21).

Para além dos estudos da bioquímica e da biologia, tanto os sabores como os aromas que se foram e que porventura ficaram deixados lá para trás no nosso tempo histórico podem ser ainda evocados a partir de lembranças e até mesmo deflagrar emoções. (MALNIC, 2008). Sabemos que imagens retidas ou revisitadas; paladares experimentados; odores e perfumes diversos podem ser recuperados por lembranças ou mesmo são capazes de acionar nossos sentidos e até corroborar sensações de empatia. Ao mesmo tempo as memórias sensoriais e afetivas podem vir à tona em, por exemplo, relatos de histórias de vida ou reminiscências diversas por vezes acompanhadas de imagens.

Para a bioquímica e bióloga molecular, ambos, olfato e paladar, caminham juntos na percepção, por exemplo, dos sabores porque os sensores do nariz e da boca estão intimamente associados. As moléculas voláteis nos alimentos estimulam e auxiliam as papilas gustativas e

o epitélio olfativo. O comportamento social da maioria dos animais, por exemplo, é controlado por cheiros que, flutuando pelo ar e inspirados, são absorvidos por uma mucosa que contém células especializadas denominadas neurônios olfativos (MALNIC, 2008).

Giancarlo Bossi (1996), professor de degustação de vinhos, comenta que o olfato é também um sentido de alerta e de defesa, por exemplo, no caso dos elementos que ingerimos ou respiramos, pois é pelo olfato que aceitamos ou rejeitamos um odor. As moléculas voláteis, segundo Malnic (2008), que podem ser rapidamente vaporizadas, liberadas de alimentos, especiarias, flores são chamadas de odorantes. Assim, cada um de nós “cheira o mundo” de forma diferenciada já que nossos repertórios de recepção do olfato encontram-se distribuídos de forma variada nos diferentes indivíduos.

Diferentemente dos odores que são substâncias voláteis, os sabores são estimulados por substâncias solúveis (presença da saliva) que impressionam a língua: doce, salgado, ácido e amargo. Segundo Bossi (1997), quase todos os pesquisadores concordam com essa classificação, mas não foi sempre assim em tempos passados. Segundo o autor, para Aristóteles existiam apenas o doce e o amargo (o mel e o fel). No século XV já os gostos eram nove: doce, salgado, amargo, ácido, acre, pungente, áspero, gorduroso e insípido.

Aromas e sabores se modificam histórica e localmente de acordo com os ritos de iniciação, diferença entre classes sociais e gêneros, práticas religiosas, regimes de trabalho, usos e técnicas corporais e alimentares, investimentos afetivos, saberes especializados (herdados, criados e por vezes transmitidos), por exemplo (GIARD, 1996).

Assim é que a segregação e a organização das representações sociais tomam partido em culturas e geografias diversas: ao povo relegam-se odores pútridos e desagradáveis, os restos e os alimentos inferiores, as tarefas mais pesadas e menos dignas; às classes mais abastadas, a ausência de odores desagradáveis e a utilização (e por vezes a nomeação como homenagem) de essências, colônias, sais, unguentos e banhos terapêuticos que vão envolver os corpos; da mesma forma, à essas classes, o sabor das bebidas e dos alimentos será, cada vez mais, elaborado e saudável (GIARD, 1996; CAMPOS, 2005).

Se olfato e paladar funcionam juntos e que essa reunião de sabores na mucosa da boca juntamente com as percepções olfativas é que irá possibilitar ao cérebro essa “ideia” de sabor, como se explica que determinados alimentos e mesmos odores são mais ou menos apreciados em diferentes partes do mundo e em diversas culturas?

Campos (2005) discorre brevemente acerca de algumas práticas milenares sobre o uso de fragrâncias que localiza em relatos, destacando, em princípio, a relação comunicacional entre o terreno e o divino no uso de fragrâncias. Ervas e incensos ao serem queimados

permitiam que os aromas florais trouxessem para o espaço do terreno o mundo divino ou alcance dos deuses era possível com palavras de devoção e fragrâncias aromáticas. Os banhos, na crença hindu, por exemplo, eram capazes a partir de seu efeito de limpeza e purificação propiciar a passagem para outra vida. A autora cita ainda, entre os judeus durante o shabat, o poder simbólico do uso do cravo-da-índia. Abaixo do divino, teríamos ainda o perfume, com o seu poder terapêutico e de sedução.

Sobre o poder terapêutico do perfume, é a partir do século XIV, na Itália, que ele ganha força com a descoberta, pela alquimia, do processo de destilação do álcool. Nesta época, os banhos eram evitados por duas razões principais: a corrente dos “vitalistas” achava que o banho ocasionava a perda da vitalidade, enquanto que os moralistas atentavam para o fato de que ele proporcionava a tentação auto-erótica (CAMPOS, 2005, p.54, grifo da autora).

Joële Rouchou (2009), ao discorrer sobre a memória, traz à cena a presença do corpo seja pela experiência que os sujeitos estão narrando, seja pelo confronto entre passado e presente experimentado, ou ainda pela busca do sujeito por um “sinal memorativo” ou pela imposição desse signo (diríamos nós) ou sinal infligido por um odor reconhecido. Proust, citado por Rouchou, nos diz que parte dessa memória encontra-se externa ao nosso corpo ou, na maioria das vezes, oculta aos nossos olhares.

Eis porque a maior parte de nossa memória está fora de nós, numa pancada de chuva, num cheiro de quarto fechado ou no cheiro de uma primeira labareda, em toda parte onde encontramos de nós mesmos aquilo que a nossa inteligência desdenhara, por não lhe achar utilidade, a última reserva do passado, a melhor, aquela que, quando todas as nossas lágrimas parecem estancadas, ainda sabe fazer-nos chorar. Fora de nós? Em nós, para melhor dizer, mas oculta de nossos próprios olhares, num esquecimento mais ou menos prolongado. Graças tão-somente a esse olvido é que podemos, de tempos em tempos, reencontrar o ser que fomos, colocarmo-nos perante as coisas como estava aquele ser, sofrer de novo porque não mais somos nós, mas ele, e porque ele amava o que nos era agora indiferente”. (PROUST, 1981, p.172 *apud* ROUCHOU, 2009, p.119).

“Estoque de cheiros”, “sonoteca de ambientes passados”, é assim que Rouchou (2009, p.120), a partir de Muxel, sugere a ideia de nossa memória criar uma biblioteca de aromas para essa capacidade de os sentidos evocarem lembranças e, ainda que de forma efêmera, evocar/recuperar esses momentos/sensações. Impossibilitada de gravar, conservar e mesmo de arquivar, somente com o poder evocativo, a memória desses sentidos também não se transmite. Mas, é possível no âmbito da descrição referente a determinado evento, retermos o sabor das coisas, como no caso das *Madeleines*, por exemplo. Por alguns instantes, a *duração* inerente à sensação vivida nos traz um aspecto qualitativo, ainda que externo e diferenciado da própria coisa, somos capazes de reter elementos perceptíveis por conta de uma memória

voluntária: Tal gosto ou aroma nos lembra de vovô; dos jardins da nossa infância; dos almoços compartilhados pela família nas tardes de domingo... Mas, é somente pela memória involuntária, discorre Deleuze que o contexto é interiorizado, *imane*nte. Essas coisas (aromas e sabores), pessoas e lugares, funcionariam de forma relacional. Para Deleuze (2010), a memória involuntária é um análogo de uma metáfora.

Um dos recursos linguísticos mais utilizados para a construção de sentido é o uso de *metáforas*. A metáfora é uma figura de linguagem que transfere um termo para uma esfera de significação que não é a sua, com a finalidade de estabelecer representação do mundo por meio de analogias. Signos, marcas, sinais, rastros permanecem, por exemplo, via as práticas orais, gestuais e discursivas que tomam nossas lembranças: comemos o que todos comiam e compartilhavam seja porque era bom, gostoso, rápido, saudável ou tradicional. Sentimos odores agradáveis e desagradáveis alguns trazidos de momentos cotidianos que por vezes podem funcionar como reforço identitário, de pertencimento, ou mesmo de deslocamentos (ROUCHOU, 2008). Essas referências nos chegam de várias formas já que pertencem ao complexo mundo da significação e demarcado por elementos informacionais que denotam as diferenças (BARTHES, 2001).

### 3.2 COLECIONANDO O EFÊMERO: BIBLIOTECAS DE AROMAS, BANCO DE LEMBRANÇAS

Os aromas e os sabores possuem a propriedade de remetimento às situações vivenciadas, quer sejam elas prazerosas ou traumáticas. Independentemente da literatura, cinema, prosa e poesia, os aromas e os sabores configuram um vasto campo de pesquisa, como por exemplo, a indústria de alimentos, a indústria de perfumes, a medicina, a química, especialidades, a aromoterapia, comumente identificada com os *Florais Bach*, e também a produção de incensos, velas medicinais entre outros.

Interessante espaço de guarda e disseminação é a Biblioteca do Centro de Aperfeiçoamento em Gastronomia (Ceag) do SENAC/DF que contém em seu acervo livros relacionados à gastronomia; DVDs; um setor de aromateca com especiarias; pimentas; baunilha do serrado, etc.; um setor de farinoteca com amostras de farinha de pimenta e piracui, por exemplo (BIBLIOTECA de sabores, 2014).

Reaberto há pouco tempo, o Jardim Sensorial, com 64 tipos de plantas é outro tipo de espaço localizado no Jardim Botânico da cidade do Rio de Janeiro que, além de preservar algumas espécies, possibilita aos visitantes e principalmente a capacitação de deficientes visuais de “deleitar os sentidos” (BERTOLUCCI, 2015, p.14), juntamente com uma proposta

de inclusão social e socioambiental, trabalhar os sentidos: auditivos (fonte sonora), táteis, olfativos e palatáveis (de algumas espécies).

É também com a parceria do SENAC (LODY, 2006) que deleitamos nosso olhar, olfato e paladar ao conhecermos o Museu da Gastronomia Baiana e o seu restaurante escola no Pelourinho. Lugar também de manutenção e encontro de identidades, esse espaço educativo nos propicia a oportunidade de experimentarmos e entender o porquê, por exemplo, dessas diversas manifestações religiosas e suas relações com o espaço culinário integrarem-se às práticas do fazer, saborear e ofertar comida dos deuses, dos santos e dos humanos, e tornarem-se patrimônios materiais e imateriais da nação.

Dedicada aos perfumes, patrimônio da França, encontramos em Versailles uma biblioteca de *copyright* de aromas - a Osmothèque. Essa biblioteca armazena essências catalogadas contendo fórmulas aromáticas que compõem o Chanel N.5, e todos os demais perfumes produzidos na França. David Shariatmadari (2015) comenta que na França o perfume é quase uma religião e que uma biblioteca de aromas pode trazer lembranças familiares de perfumes que saíram do mercado consumidor por conterem, por exemplo, alergênicos.

Few things are as good at evoking memories as smells. But imagine someone decided your most-cherished memory contained allergens that had to be banned? Your grandfather's eau de cologne. Your mother's favourite perfume. One of the key ingredients in Chanel No 5 is citral, now subject to restrictions because it can cause skin reactions. Likewise, the oakmoss in Guerlain's classic Mitsouko. Perfumers perform fancy footwork to keep them smelling roughly the same, but for the originals, you have to go to the Osmothèque. [...] These olfactory madeleines are tended to by noses from the great perfume houses, many of whom give up their time voluntarily. Occasionally, however, they let some of their bottles out into the world, to be sniffed (not tried on the skin – those allergens) under highly controlled conditions (SHARIATMADARI, 2015).<sup>6</sup>

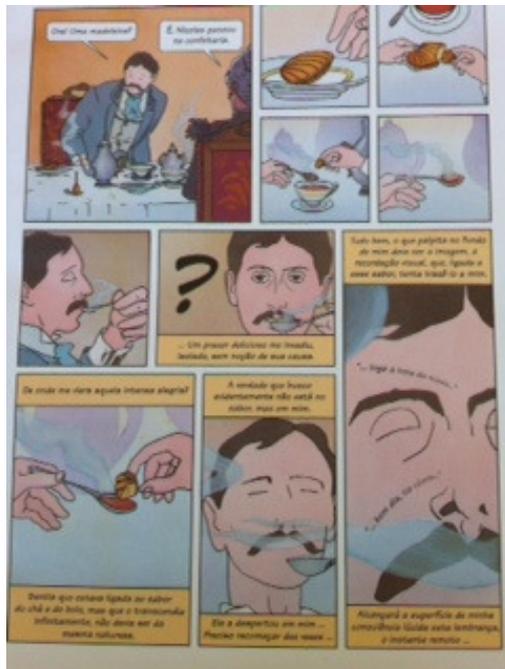
---

<sup>6</sup> Poucas coisas são tão boas para evocar memórias como os cheiros. Mas imagine alguém que descobre que sua mais cara memória possui alergênicos: a água de colônia de sua avó, o perfume favorito de sua mãe. Um dos principais ingredientes do Chanel nº 5 é da classe dos cítricos, que pode causar reações cutâneas. Da mesma forma, ocorre com o musgo do carvalho no clássico Mitsouko da Guerlain. Perfumistas fazem um enorme esforço para manter os aromas originais, mas para inspirá-los, você tem que ir para a Osmothèque. [...] Essas madeleines olfativas são possíveis, graças aos narizes dos perfumistas das grandes casas, muitos dos quais trabalham de forma voluntária. Ocasionalmente, no entanto, eles permitem que alguns de seus frascos viajem pelo o mundo, para serem cheirados sob condições altamente controladas (tradução nossa).

#### 4 REPRESENTANDO O EFÊMERO: LEMBRAR, DESCRIVER E COMPARTILHAR

Já dizíamos em outras discussões sobre a representação do conhecimento, no âmbito da Ciência da Informação, que qualquer representação da realidade social é necessariamente parcial, que a mesma realidade pode ser descrita por um enorme número de maneiras e que representação só tem existência quando alguém a está usando. Nesse sentido, representar implica uma consequência de natureza redutora que podemos identificar com o que Bergson (2008) indicou como pobreza necessária de nossa percepção consciente. Mas, implica, também, em aceitar um atributo compensatório à pobreza ou ato redutor semântico, que seria a produção de sentido para cada significado possível.

Na obra quadrinística utilizada por nós, *Em busca do tempo perdido: No caminho de Swann: Combray* de Marcel Proust adaptada e ilustrada por Stéphane Heuet (2004), já podemos verificar uma convergência de mídias: como reproduzido abaixo, trechos originais da obra de Proust nos retângulos, desenhos que sintetizam descrições textuais e os diálogos nos balões que completam o entendimento das imagens sínteses.



Fonte: As autoras. Fotografia obtida por câmara de celular, como exemplo, da obra citada.

A escolha de Proust para exemplificar o que seria a memória involuntária não é, de modo algum, original. Muitos trabalhos que discutem os mecanismos da recordação, no

âmbito dos estudos sobre a memória, representam a sua natureza involuntária ou espontânea (termo utilizado por Bergson) como vimos, no exemplo do chá com *madeleines*:

- *Ora! uma madeleine?*

- *É, Nicolas passou na confeitaria.*

... um prazer delicioso me invadiu , isolado, sem noção de sua causa.

De onde me viera aquela intensa alegria?

Sentia que estava ligada ao sabor do chá e do bolo, mas que o transcendia infinitamente, não devia ser da mesma natureza.

A verdade que busco evidentemente não está no sabor, mas em mim

Ele a despertou em mim ... Preciso recomeçar dez vezes ...

Tudo bem, o que palpita no fundo de mim deve ser a imagem, a recordação visual, que, ligada a esse sabor, tenta trazê-lo a mim.

Alcançará a superfície de minha consciência lúcida esta lembrança, o instante remoto ... E de repente a lembrança surgiu.

- *Bom dia Tia Leonie!*

(HEUET, 2004, p.16-16)

Mas, quais aspectos iremos acionar para problematizarmos a representação da informação tendo em vista os conceitos de memória voluntária e memória involuntária? Iremos em busca simplesmente dos atributos genéticos para explicitarmos nossas reminiscências? Quais serão os estoques informacionais que colocaremos em uso para representar (intelectualmente) e conseqüentemente recuperar cognitivamente e sensivelmente a informação de sabores e odores? Poderíamos falar de um banco de dados cujas percepções e sensibilidades viessem à tona? Ou estaríamos no espaço descritivo e imaginário das obras literárias? Dessa forma, iríamos caminhar para uma discussão que problematiza o fenômeno informacional não como coisa/objeto informativo decorrente de um conhecimento prévio já estabelecido/sistematizado e socialmente praticado. Poderíamos trilhar um pressuposto interessante trazido por Le Coadic (1996) que argumenta que os seres humanos, ainda que em graus diversos, tem “necessidade de informação”. No entanto, não podemos deixar de refletir acerca da seguinte questão: existiria tal necessidade para o acionamento de uma memória involuntária já que essa necessidade de busca pressupõe no mínimo uma satisfação consciente de obtenção dessa memória? No caso da memória voluntária, essa necessidade demanda domínios do saber/da inteligência. Deixemos o próprio Proust discorrer acerca de seu significado:

Para mim, a memória voluntária, que é sobretudo uma memória da inteligência e dos olhos, não nos dá, do passado, mais do que factos sem realidade; mas se um cheiro, um sabor encontrado em algumas circunstâncias totalmente diferentes, despertam em nós, à nossa revelia, o passado, passamos a sentir o quanto este passado era diferente daquilo que acreditávamos lembrar, e que nossa memória voluntária pintava, como os maus pintores, com cores sem realidade (UMA..., 2006, p.511).

Nossa experiência pedagógica<sup>7</sup> com a análise e a representação das lembranças evocadas pelos alunos, a partir da identificação e nomeação das essências inspiradas, vem nos revelando que essas representações por eles descritas, em sua maioria, reforçam o que a Halbwachs (2004) aponta em relação a lembranças de infância e quadros familiares. Esses aromas estocados em suas bibliotecas particulares fazem parte de uma memória voluntária, capaz de identificar, nomear e relacionar o aroma retido às experiências vividas, em um primeiro momento no âmbito individual e em seguida compartilhadas com o grupo. Desse modo, somente com a materialização da sensação olfativa em uma lembrança é possível descrevê-la como objeto.

A natureza da informação descrita aproxima-se à ideia de “necessidade de informação derivada” em Le Coadic (1996). O autor explica que esse tipo de necessidade informacional não se dá em função de uma resposta a uma dúvida concreta e não está vinculada a um saber sistematizado nos lugares de memória e/ou sistemas de informação; são mecanismos de seleção de determinados acontecimentos derivados de algumas lembranças trazidas pela nossa memória espontânea.

## **5 CONCLUSÃO: EM BUSCA DA REPRESENTAÇÃO DE UM TEMPO PERDIDO?**

Como não se lembrar da aparência de determinados alimentos e o cheiro exalado por eles ou mesmo por plantas, perfumes, pessoas e por tantos outros seres e objetos, e ainda dos lugares e espaços de compartilhamento dessas memórias afetivas? Não poderíamos deixar de fora nossas lembranças familiares tal como discorreu Maurice Halbwachs (2004, p.43), pois “[...] é no quadro da família que a imagem se situa, porque desde o início ela estava ali inserida e dela jamais saiu”, diz o teórico acerca de lembranças de infância e dos quadros familiares que circunscrevem determinadas experiências vivenciadas (e por vezes imaginadas) por nós. Mas os adultos também, ao serem confrontados com diversos cheiros e sabores, principalmente se eles se mantêm dentro dos mesmos quadros familiares e cotidianos, por

---

<sup>7</sup> O filme “Perfume” (2006), faz parte das nossas referências da disciplina e antecede a oficina dada no último dia do curso, na qual os alunos experimentam os aromas e descrevem suas lembranças.

vezes ainda conseguem evocar e reter lembranças sensoriais. Foi assim que funcionou para Proust quando este embebeu as *Madeleines* em uma infusão de flores de limão e água quente e foi despertado por episódios de sua infância.

Formas sensíveis, os aromas e sabores, encobertos de materialidades, emitem lugares e pessoas nas *reminiscências* e *descobertas* descritas por Proust. Ainda que sensíveis, essas lembranças apelam por uma contiguidade de busca de seus significados. As *reminiscências* trazidas pelas *Madeleines* funcionariam, em um primeiro momento, como um “mecanismo associativo”: semelhanças entre uma sensação aromática presente e a sensação passada que é ressuscitada e sensivelmente vivenciada no presente descrito (DELEUZE, 2010, p.52). O segundo momento diz respeito a uma alegria sentida no presente que não encontra semelhança com o que nos lembramos do passado. Combray “ressurgiu” a partir do sabor das *Madeleines*, mas, indaga Deleuze, quais foram suas causas?

Segundo Deleuze (2010), podemos inferir que mais do que observar e descrever as coisas, as pessoas e os lugares como signos, devemos obedecer a uma lógica de procura acerca da diferenciação entre o objeto e o signo. Indo além, é entendermos que a memória (voluntária ou involuntária) é uma faculdade operadora de interpretação dos signos. Assim, o significado do processo de aprendizado é ultrapassarmos cada um desses limites e sairmos em busca da essencialidade imaterial dos sentidos.

#### *Madeleines: uma receita*

##### Ingredientes:

2 ovos, 1/2 colher (chá) de extrato de baunilha, 1/2 colher (chá) de raspas de limão siciliano, 1 xícara (120 g) de açúcar de confeiteiro, 3/4 xícara (95 g) de farinha de trigo, 1/4 colher (chá) de fermento em pó, 1/2 xícara (115 g) de manteiga, derretida e fria.

##### Preparo:

Preaqueça o forno a 190 °C., unte e polvilhe com farinha de trigo uma forma para 24 madeleines, bata os ovos, a baunilha e as raspas de limão em velocidade alta por 5 minutos. Aos poucos, acrescente o açúcar de confeiteiro, bata por 5 a 7 minutos ou até formar um creme espesso e brilhoso. Peneire a farinha junto com o fermento, ponha 1/4 da farinha peneirada na vasilha com os ovos batidos. Misture com cuidado. Em seguida, coloque mais 1/4 da farinha e novamente misture tudo. Repita o processo até terminar a farinha. Depois que a farinha estiver bem misturada, adicione a manteiga derretida e fria. Ponha a massa nas formas preparadas enchendo-as até 3/4 da sua capacidade. Asse as madeleines no forno preaquecido durante 10 a 12 minutos ou até que estejam firmes e com as bordas coradas. Deixe-as esfriando na forma durante 1 minuto, em seguida, solte-as com uma faca. Vire a forma e deixe que esfriem sobre uma grade. Polvilhe as madeleines com açúcar de confeiteiro peneirado. Ou se desejar, banhe as pontas das madeleines no chocolate derretido. Guarde-as em um pote bem fechado (MADELEINES, 2015)

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras Escolhidas, v. 3).
- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 36-49. (Obras Escolhidas, v. 1).
- BERGSON, Henri. **Matière et mémoire: essai sur la relation du corps à l'esprit**. Paris: Presses Universitaire de France, 2008. (Le choc Bergson. Édition critique de Bergson sous la direction de Frédéric Worms).
- BERTOLUCCI, Rodrigo. Onde a natureza ajuda a deleitar os sentidos. **O Globo**, 07 jul.2015. p. 14.
- BIBLIOTECA de sabores. **Revista Encontro**. Disponível em: <<http://sites.correioweb.com.br/app/noticia/encontro/revista/2014/07/25>>. Acesso em: 16 nov. 2014.
- BOMSEL, Olivier. **L'Économie immatérielle: industries et marchés d'expériences**. Paris: Gallimard, 2010.
- BOSCATO, Eli. **Obvious**. Disponível em: <[http://lounge.obviousmag.org/por\\_tras\\_do\\_espelho/2012/07/o-tempo-e-nossa-memoria-sensorial.html#ixzz3ijToUToe](http://lounge.obviousmag.org/por_tras_do_espelho/2012/07/o-tempo-e-nossa-memoria-sensorial.html#ixzz3ijToUToe)>. Acesso em: 20 jun. 2015.
- BOSSI, Giancarlo. **Teoria e prática da degustação do vinhos**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1996.
- CAMPOS, Camila Craveiro da Costa. **Corpo-mídia ou corpo-suporte: representações do signo corpo em publicidades de perfumes**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática). Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação/Pós-Graduação em Comunicação Midiática, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ELLENA, Jean-Claude. **Diário de um perfumista: um ano na vida do principal criador de fragrâncias da França**. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- UMA ENTREVISTA com Marcel Proust. In: PROUST, Marcel (1871-1922). **No caminho de Swann**. 5. ed. São Paulo: Globo, 2006. p.510-512. (Em busca do tempo perdido, v.1). [Apêndice].
- GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p.211-332.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HEUET, Stéphane. **Em busca do tempo perdido**: t.1: no caminho de Swann: Combray. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. [Cores: Véronique Doray. Trad. e Notas de André Telles. Título original: À la recherche du temps perdu: du côté de chez Swann: Combray/ Marcel Proust. Texto em quadradinhos].

KUCZYNSKI, Alex. Bodum sentimental: loja em nova York atíça memória olfativa com essências inspiradas em comida, infância e até em noitada. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 jul. 2005. Caderno Ela. p. 5.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

LODY, Raul. Museu da Gastronomia Baiana: para ver, para gostar e para comer. **Musas**: Revista Brasileira de Museus e Museologia, n. 2, 2006. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais. p.193-198.

MADELEINES. Disponível em: <http://allrecipes.com.br/receita/2031/madeleines.aspx>. Acesso em: 20 jun.2015. [Receita].

MALNIC, Betina. **O cheiro das coisas; o sentido do olfato**: paladar, emoções e comportamentos. Rio de Janeiro, Vieira & Lent, 2008.

O PERFUME. Dirigido por Tom Tykwer. Alemanha / França / Espanha: Paris Filmes, 2006. son., color, 147 min.

ROUCHOU, Joëlle. **Noites de verão com cheiro de Jasmim**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

ROUCHOU, Joëlle. Memória do olfato: o cheiro do jasmim. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joëlle; OLIVEIRA, Claudia de (orgs). **Corpo**: identidades, memórias e subjetividades. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p.117-128.

SHARIATMADARI, Davi. **The osmothèque**. Disponível em: <[http://www.theguardian.com/fashion/shortcuts/2015/jul/10/osmotheque-france-library-smells-versailles-fragrance-old-spice?CMP=fb\\_gu](http://www.theguardian.com/fashion/shortcuts/2015/jul/10/osmotheque-france-library-smells-versailles-fragrance-old-spice?CMP=fb_gu)>. Acesso em; 15 ago. 2015.